

## **A EDUCAÇÃO ESCOLAR PARA ADOLESCENTES**

### **AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS**

**Paulo Cesar Duarte Paes (UFMS)**

#### **RESUMO**

Os levantamentos sobre a escolarização de adolescentes que cumprem medidas de internação (SINASE, 2012) demonstram uma radical baixa escolaridade dos internos em relação a população em geral. O presente artigo tem como objetivo utilizar reflexões da psicologia histórico-cultural apresentados por Vigotski (1993, 2001a, 2001b e 2004) para compreender como esse processo acontece no psiquismo do adolescente. A ausência da apropriação dos conceitos científicos pelos adolescentes está relacionada a políticas de educação, desigualdade social e ausência de direitos e repercute diretamente no psiquismo dos adolescentes tornando-os mais vulneráveis ao cometimento de atos infracionais.

**Palavras chave: adolescente; escolarização, ato infracional e conceitos cotidianos e científicos**

A educação escolar para adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação deveria ser o primeiro direito e atividade essencial para cerca de 22 mil (SINASE, 2012) internos no Brasil e 120 mil adolescentes cumprindo Liberdade assistida e Prestação de Serviço a Comunidade. Além da falta do oferecimento da educação formal a metodologia de ensino também afeta negativamente a escolarização desses adolescentes. Relatos demonstram que adolescentes ficam até 3 anos no sistema e continuam analfabetos, devolvendo para a sociedade jovens ainda mais violentos e adeptos de práticas criminosas.

Segundo levantamentos (SINASE, 2012) a escolaridade de adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de internação é bem menor do que a média nacional. A educação formal não desenvolveu uma metodologia capaz de manter a criança e o/a adolescente na escola e, quando recebem a medida de Internação em Estabelecimento Educacional (ECA, art. 12), continuam sem estudar ou estudam muito pouco. Dentre as 450 unidades de internação no Brasil, muitas não tem sequer educação regular e uma parte delas ainda utiliza a Educação de Jovens e Adultos (EJA) que deveria servir para jovens trabalhadores que não tem tempo para estudar. No caso da internação a EJA| representa uma perda de carga horária de estudo para quem mais precisa estar presente na escola.

Aproximadamente 60% das unidades de internação contam com escola de ensino regular, mas são raras as que garantem 20 horas aula por semana conforme preconiza a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). Muitas unidades tornam

facultativo ao adolescente o direito de estudar e muitos deles preferem ficar trancados nos alojamentos. Outras vezes fica difícil atender adolescentes de todos de variados anos implicando na diminuição radical de horas aula, quando o ideal seria que estivessem em período integral de 40 horas semanais. No meio aberto a evasão e a não aprendizagem são problemas comuns.

A metodologia de ensino, em geral permissiva, desvaloriza os conhecimentos científicos ditos escolares e privilegiando o senso comum. A sala de aula reproduz a lógica da cultura de massas, que tem um sentido de entreter e não de ensinar. A Psicologia Histórico-Cultural de L. S. Vigotski fundamenta uma crítica às práticas pedagógicas descritas acima.

Vigotski denunciou os aspectos inatistas de correntes da psicologia que compreendem o desenvolvimento da consciência como algo que advém do interior do indivíduo e não da história da humanidade. Essas mesmas tendências da psicologia produziram uma pedagogia que desvaloriza o conhecimento dito escolar. Segundo Vigotski (2001a, e 2001b) as pedagogias idealistas negam a produção histórica do desenvolvimento, inibindo o desenvolvimento do domínio da própria conduta inerente a vida social.

A ausência de escolarização prejudica o desenvolvimento escolar o que pode contribuir, indiretamente, para a reprodução da violência pelos adolescentes. A não escolarização impede a integração dos adolescentes nas relações sociais produtivas empurrando-os para práticas marginalizadas.

### **Historicidade do psiquismo em Vigotski e a desvalorização do conhecimento científico na escola**

Vigotski identifica um viés inatista na psicologia que ele chama de idealista e desenvolve extensa crítica a vários autores dessa vertente, dentre os quais destaca-se Jean Piaget. Os pressupostos teóricos de Vigotski o levaram a conceber os princípios da realidade material e sua crítica aos pressupostos freudianos onde os mecanismos do prazer são primários no processo de desenvolvimento. Aí reside o fundamento da crítica de Vigotski que vê nos fundamentos não assumidos de Piaget um equívoco metodológico que se traduz no primado do prazer, do sonho e do devaneio, inúteis e entregues a si mesmos. Para o autor

soviético o pensamento efetivo e prático, voltado para a realidade e em permanente processo de produção histórica deve fundamentar a educação.

Vigotski exemplifica detalhadamente os equívocos gerados pela metodologia adotada por Piaget sobre o inconsciente do pensamento autístico, onde o desenvolvimento infantil é considerado como algo que acontece por si mesmo, como se não fosse determinante a relação com formas culturais e naturais exteriores ao indivíduo.

Admitir que a lógica dos sonhos são primárias do ponto de vista da função biológica, que o pensamento surgiu na série biológica e desenvolveu-se na transição das formas animais inferiores para as superiores e destas para o homem como função de auto-satisfação como processo subordinado do princípio do prazer, é um *non-sense*, precisamente do ponto de vista biológico. Admitir que o princípio do prazer é primário no desenvolvimento do pensamento implica tornar, desde o início, biologicamente inexplicável o processo de surgimento da nova função psicológica que chamamos de intelecto ou pensamento (VIGOTSKI, 2001c, p. 40).

Dois questões foram tiradas por Vigotski sobre essas reflexões. Uma questiona a própria ligação do pensamento autístico ao egocentrismo infantil ou a fala egocêntrica e a outra questiona a inutilidade e isolamento desse tipo de atividade mental. Partindo desta reflexão, Vigotski tece uma crítica a compreensão de que o psiquismo nasce no indivíduo como uma planta, assim como o autismo e a fala egocêntrica. No seu entendimento resultam de múltiplas determinações históricas é tem grande importância para o desenvolvimento infantil.

A linguagem egocêntrica da criança não só pode não ser expressão do pensamento egocêntrico como ainda exercer uma função diametralmente oposta ao pensamento egocêntrico – a função de pensamento realista –, e assim aproximar-se não da lógica do sonho e do devaneio mas da lógica da ação e do pensamento racionais e sensatos (VIGOTSKI, 2001c, p. 60).

Para Vigotski, ao contrário, a fala egocêntrica “é uma forma transitória da linguagem exterior para a interior, da linguagem social para a individual, inclusive para o pensamento autístico verbalizado” (idem, p. 65). “O movimento real do processo de desenvolvimento do pensamento infantil não se realiza do individual para o socializado mas do social para o individual” (idem, p. 67).

Vigotski vê na fala egocêntrica uma fase no desenvolvimento do pensamento, quando a linguagem socialmente produzida é internalizada passando a ser parte do pensamento pela imitação da criança. Equivocadamente a criança não é considerada como uma parte do todo social, como um sujeito das relações sociais que, desde os seus primeiros dias de vida participa da vida social daquele todo a que ela pertence. O social é visto como algo situado fora da criança, que a pressiona e reprime seus próprios modos de pensamento (VIGOTSKI, 2001c, p. 80).

Outra crítica feita por Vigotski aos postulados piagetianos é a não consideração da atividade prática da criança no desenvolvimento do seu pensamento. É como se o desenvolvimento se desse pela criança entregue a si mesma, sem considerar sua ação na realidade social, que é vista como um elemento estranho e repressor ao indivíduo.

Esta relevante conclusão vigotskiana define o desenvolvimento do pensamento como dependente de instrumentos externos, no caso a linguagem, que por sua vez depende da experiência sociocultural da criança. A constatação de que o desenvolvimento do pensamento verbal é uma forma histórico-social de desenvolvimento e não natural ou inata, leva o autor à constatação de que também existem leis e propriedades que não podem ser descobertas através de uma concepção naturalizante do pensamento e da linguagem.

Para Vigotski as associações entre os símbolos verbais (palavras), mesmo sendo sólidas e numerosas, ainda não podem ser consideradas um conceito. O conceito surge mediante a existência de um problema que só possa ser solucionado com a formação de novos conceitos. A existência de um problema cria uma necessidade particular de pensamento, articulado com a atividade de solucioná-lo, então novos conceitos são desenvolvidos para sustentar essa forma de pensamento particular.

Ao contrário do amadurecimento dos instintos e das atrações inatas, a força motivadora que determina o desencadeamento do processo, aciona qualquer mecanismo de amadurecimento do comportamento e o impulsiona para frente pela via do ulterior desenvolvimento não está radicada dentro mas fora do adolescente e, neste sentido, os problemas que o meio social coloca diante do adolescente em processo de amadurecimento e estão vinculados à projeção desse adolescente na vida cultural, profissional e social dos adultos são, efetivamente, momentos funcionais sumamente importantes que tornam a reiterar o intercondicionamento, a conexão orgânica e a unidade interna entre os momentos do conteúdo e da forma no desenvolvimento do pensamento. [...] Onde o meio não cria os problemas correspondentes, não apresenta novas exigências, não motiva nem estimula com novos objetivos o desenvolvimento do intelecto, o pensamento do adolescente não desenvolve todas as potencialidades que efetivamente contém, não atinge as formas superiores ou chega a elas com um extremo atraso (VIGOTSKI, 2001c, p. 171).

A cultura e o social já existentes historicamente antes do nascimento do adolescente são os determinantes de seu psiquismo. A ausência de apropriação de formas mais complexas do conhecimento como a ciência, a estética e inúmeras linguagens produz uma alienação em relação a realidade dificultando a sua inserção como sujeito de relações sociais. Esse entendimento caracteriza um valor maior a escolarização no desenvolvimento psíquico do adolescente. Também o ensino, como forma objetiva e planejada da educação tem mais relevância.

Nesse caso a disciplina passa a ser uma estratégia para que se atinja o objetivo da apropriação do conhecimento e deve ser parte de uma metodologia de ensino devidamente fundamentada e coerente com o objetivo central da educação escolar. Perder ou reduzir a capacidade de condução do ensino significa também reduzir a capacidade de aprendizagem dos alunos. Perderam anos de suas vidas quando, por negligência, foram deixados a sua própria condução, o que os levou a trágica situação em que se encontram e quando recebem a medida socioeducativa continuam tendo sua educação deixada a sua própria condução.

Muitos professores ficam com pena dos/as adolescentes que já sofreram tanto e transformam a sala de aula num espaço prioritariamente lúdico, de uma forma ainda mais radical que na educação pública em geral. Alunos precisam aprender a ser conduzidos para a apropriação do conhecimento, esse é grande o desafio da educação escolar para adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de internação em estabelecimento educacional.

A escola é, sem dúvida, o mais importante meio de ressarcir o direito dos/as adolescentes que não aprenderam a respeitar a autoridade e não têm controle sobre a própria conduta. Mais do que a grande maioria na sociedade os adolescentes em privação de liberdade precisam e podem receber uma educação escolar diretiva e disciplinadora que possibilite a efetiva apropriação dos códigos das linguagens mais complexas para serem por eles utilizados como ferramentas da conquista de sua própria cidadania. A ausência de uma educação eficaz é uma forma de negligência, como aponta o artigo 5º do Estatuto da Criança e do Adolescente, que não poderia acontecer durante o cumprimento da medida socioeducativa de internação.

## **REFERÊNCIAS:**

SINASE. Levantamento de informações SINASE. Brasília: SDH-PR, 2012.

VIGOTSKI. L. S. Psicologia Pedagógica. São Paulo. Martins Fontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo. Martins Fontes, 2001b.

\_\_\_\_\_. Teoria e método em psicologia. Tradução Cláudia Berliner). São Paulo. Martins Fontes. Martins Fontes. 2004.

VYGOTSKI. Obras escorridas (Volumes III). Madri. Centro de Publicaciones del M.E.C. / Visor Distribuciones, 1995.

VYGOTSKY L. S. e LURIA A. R. Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre. Artes Médicas, 1996.